

“por que o sujeito da psicanálise é o sujeito da ciência?”

Thessa Guimarães

II Jornada da Associação Lacaniana de Brasília

outubro/2015

o esforço dessa comunicação é o de apontar um caminho possível para compreensão do aparente paradoxo da fórmula lacaniana segundo a qual "o sujeito sobre quem operamos em psicanálise só pode ser o sujeito da ciência" (Lacan, 1966, p. 873). essa frase solta pode causar desconforto àqueles que procuram se posicionar criticamente frente ao ofício de psicanalista, evitando ferramentas pré-determinadas de compreensão do sofrimento. para demonstrar o caráter apenas aparente do paradoxo em questão, levo em conta a profunda influência de Koyré no empenho de Lacan em situar historicamente a psicanálise. Koyré, filósofo francês de origem russa, dedicou-se essencialmente à história do pensamento científico, ou seja, à gênese dos grandes princípios da ciência moderna. ele substituiu Kojève durante um período do seu seminário, e foi então que Lacan teve acesso ao seu ensino. a tese central de Koyré a respeito da ciência moderna é a de que seu advento instituiu um corte, uma descontinuidade entre o mundo antigo e o mundo moderno.

o termo “corte” refere-se ao conceito de corte epistemológico, chave do pensamento do epistemólogo francês Bachelard. ele designa rupturas ocorridas na história da ciência que transformam o campo de maneira tão profunda que não possamos nos basear numa perspectiva de continuidade cronológica para avaliar a evolução científica. segundo Koyré, a ciência moderna nasce de um corte entre o mundo antigo e o mundo moderno: um corte de consequências tão vastas que instituiu uma nova inteligibilidade, uma nova experiência com o conhecimento e mesmo com a vida. é como se a experiência humana houvesse se transformado tão radicalmente com o advento da ciência moderna que precisássemos admitir o nascimento de um novo homem, de uma nova humanidade.

a concepção descontinuísta da história da ciência baseia-se na ideia de dissolução do cosmo fechado grego e passagem ao universo infinito. o cosmo grego, tal como definido pela física aristotélica, é 1) finito, isto é, não muda de tamanho; 2) hierarquicamente ordenado, ou seja, dividido em três partes em ordem decrescente de perfeição (Deus, a perfeição suprema, que não se move porque ocupa seu lugar natural perfeitamente; os corpos celestes, que se movem, mas em movimentos harmoniosos e próximos da perfeição, de maneira constante e uniforme; e os corpos sublunares, terrenos, errantes, que estão sempre em movimento); 3) qualitativamente diferenciado do ponto de vista ontológico, ou seja, opõe ontologicamente céu e Terra. num mundo regido pela percepção empírica, nota-se que os astros se movem de maneira constante, sempre voltando a seu lugar no céu. já os corpos terrenos pertenceriam a uma outra ordem de existência em função de sua errância e instabilidade.

o mundo assim concebido é fechado. a ordem cósmica grega valoriza a estática: cada coisa tem seu lugar, e para cada lugar uma coisa lhe corresponde. assim, cabia ao escravo servir, ao cão latir e ao homem cidadanear, por exemplo. num

mundo em que cada coisa tem um lugar natural, o homem também tem um lugar natural. sua conduta tem referenciais claros e necessários. a ação humana tem fundamentos pré-determinados, pois cada um é uma pequena engrenagem de um cosmo fechado, harmônico e perfeito. ninguém desdiz seu destino. Édipo, apesar da tragédia de matar o pai e desposar a mãe, acaba por realizar o seu.

tal cosmovisão aristotélica permanece em voga por séculos, até que um Galileu Galilei faz uma travessura de consequências revolucionárias: o telescópio. ao produzir um instrumento capaz de observar os corpos lunares (aqueles cujo nível de perfeição os coloca num patamar ontológico superior aos corpos terrenos mais ainda inferior ao de Deus), Galileu descobre e atesta que o movimento dos planetas está submetido às mesmas leis que regem os corpos terrenos, sublunares. ele destroi, assim, a ideia aristotélica segundo a qual os céus obedeciam a leis diferentes da Terra. ora, se céu e Terra nada mais são do que diferentes lugares de um mesmo universo, cujas leis são fundidas em conjunto, a hierarquia do cosmo grego não tem mais fundamento. em seu lugar, vemos descortinar-se um universo aberto, indefinido, infinito, em expansão, governado por leis universais. a astronomia e a física se igualam, e a harmonia apolínea do mundo grego cede lugar à errância ocasionada pela ciência.

o corte epistemológico operado pela ciência moderna despossui todos os corpos de suas qualidades intrínsecas. se, para o grego, havia para cada coisa um lugar natural, agora as coisas são lançadas à mais absoluta contingência e imprevisibilidade. nada nem ninguém tem um lugar determinado para onde ir. o mundo afetado pelo advento da ciência moderna é desbussolado. nada há de necessário, ou seja, que apenas possa ser daquela forma. o homem não tem mais a cosmovisão grega para lhe certificar e garantir sua função no mundo. assim como todos os corpos, ele se encontra desqualificado, despossuído de suas qualidades intrínsecas. para o grego, a explicação de um corpo que cai, por exemplo, decorria de sua qualidade de corpo "pesado". atribuía-se seu movimento de queda a esta qualidade intrínseca. mas com a ciência, passa-se a explicar a queda de um corpo a partir de um conjunto de relações que este corpo estabelece com outros corpos. o movimento de um corpo deixa de ser explicado em função de sua qualidade intrínseca e passa a ser explicado através das relações de força que incidem sobre ele. e estas relações são passíveis de cálculos precisos. o mundo matemático, o mundo da ciência, está interessado nas relações entre os corpos. e a alma, assim como os objetos físicos, passa a ser passível de mensuração. assim como tudo o mais, a subjetividade é dessubstancializada. nas palavras de Milner (1996), o sujeito "não é mais mortal nem imortal, puro nem impuro, justo nem injusto, pecador nem santo, condenado nem salvo" (p. 33). o *cogito* cartesiano ("penso; logo, sou") traz à tona a emergência de um pensamento desprovido de qualidades. este pensamento é apropriado à ciência, mas também à psicanálise. tanto é assim que a regra de ouro da psicanálise consiste em convidar alguém a falar sem qualificar seus pensamentos, sem escolhê-los, sem predicá-los, sem valorizar uns mais que outros: a associação livre é, assim, um correlato clínico do fato de o pensamento, assim como todo o resto do mundo, ter perdido suas qualidades.

a revolução científica do século XVII tem essas duas premissas fundamentais: a

geometrização do espaço e a expansão infinita do universo. iniciada por Galileu, a revolução científica produz uma obsessão pela redução do real ao geométrico. plasma-se sobre o mundo o plano cartesiano e a explicação de todas as coisas passa pela possibilidade de matematização e geometrização da realidade. enquanto a dinâmica aristotélica nega o vazio e o movimento no vazio em função de sua subordinação a um espaço finito e completamente preenchido, a ciência moderna vem dizer que este espaço não é finito e muito menos completamente preenchido, mas que pelo contrário, ele está em expansão. este gesto destitui a dinâmica aristotélica e nos permite pensar o movimento em planos imaginários, matemáticos, por assim dizer, impossíveis. daí que, a partir de Galileu, "passemos a explicar a realidade pelo impossível".

resumindo... a ciência lança, com o telescópio, não propriamente o olhar para as estrelas. lança uma linguagem: a matemática, da qual o telescópio não é mais do que a encarnação material. para abusar da alegoria, imaginemos espíritos. os espíritos supõem um mundo extracarnal justaposto ao nosso, uma Terra imaterial que coincide com a nossa, um plano mediúnico povoado de espíritos. a Terra é recoberta de uma lona de fantasmas. Galileu faz algo semelhante com o universo. sobre o universo virgem que seu telescópio escrutina, deposita-se um plano geométrico, mensurável, com coordenadas, distâncias entres os pontos, curvas passíveis de representação por funções matemáticas. enfim, um mundo em que todos os fenômenos são inteligíveis, são simbolizáveis pelo generoso saber matemático. um manto de linguagem recobre o universo quando Galileu aponta seu telescópio aos céus. isso nos permite dizer que a ciência, assim como a psicanálise, é uma tentativa de tratar o real pelo simbólico. nesse ponto ciência e psicanálise são idênticas. se elas diferem, é porque a ciência usa a linguagem, o simbólico (a matemática) para nomear os fenômenos. o campo da ciência é em larga medida o campo das representações. no caso da psicanálise, se o simbólico também serve para nomear, ao mesmo tempo ele falha, permitindo com que o furo do real apareça. ambos os campos tratam do real pelo simbólico, mas a psicanálise não apenas assente à incompletude do simbólico, estando advertida de que o manto da linguagem sempre deixa um pezinho descoberto, como outorga a si a missão de operar sobre o indizível, sobre aquilo que escapa ao manto da simbolização.

Em *A ciência e a verdade*, Lacan fundamenta o estatuto do sujeito baseado rigorosamente no pressuposto da descontinuidade entre o mundo antigo e o grego operado pela ciência moderna, que ele chama de "mutação decisiva que, por intermédio da física, fundou A ciência no sentido moderno, sentido que se postula como absoluto". e segue:

essa posição da ciência justifica-se por uma radical mudança de estilo no tempo de seu progresso, pela forma galopante de sua imissão em nosso mundo, pelas reações em cadeia que caracterizam o que podemos chamar de expansões de sua energética. em tudo isso nos parece radical uma modificação em nossa posição de sujeito, no duplo sentido: de que ela é inaugural nesta e de que a ciência a reforça cada vez mais. (p. 869-870)

este trecho nos dá a ver a advertência de Lacan com relação à tese de Koyré a respeito da descontinuidade entre o mundo antigo e o mundo moderno. esta tese

é o suporte lógico da hipótese lacaniana de um sujeito da ciência. em outras palavras, uma nova maneira de constituição subjetiva aparece a partir deste corte, e Lacan dirá que esta nova constituição subjetiva, oriunda da revolução científica, é justamente o sujeito sobre o qual opera a psicanálise. assim é que entendo a ideia de a ciência não ser exterior à psicanálise, nem constituir mais para esta um ideal. "ao contrário, ela estrutura de maneira interna a própria matéria de seu objeto." (Milner, 1996, p. 31)

ora, a ciência moderna deve sua glória ao fato de ter abolido a subjetividade, estabelecendo condições operacionais universais. o que quer dizer isso? que para qualquer experimento científico, se respeitadas as condições operacionais (dito de outro modo, se respeitado o método), os mesmos resultados serão encontrados por qualquer experimentador. este experimentador fica despersonalizado, desqualificado, sem predicções. qualquer um atinge os mesmos resultados se respeita o método científico. que é o mesmo que dizer que a subjetividade do experimentador está excluída do experimento científico. sendo assim, questões que tangem justamente a subjetividade precisarão encontrar outro método, que não o científico, para seu encaminhamento e tratamento. procurar tratar um problema de ordem ética, da subjetividade, da conduta humana, por uma inteligibilidade científica, é usar um método inadequado a um problema. é como tentar cozinhar batatas com as leis da gramática, ou como fazer uma cirurgia cardíaca com um manual de construção de um foguete. o método não se aplica ao problema que ele ambiciona resolver ou tratar. para cozinhar, receita e fogo. para operar, manuais médicos e um bom bisturi. para o tratamento de problemas éticos, um método que lhes seja correlato. afinal, se podemos pensar com Lacan que "a lógica moderna é, de modo incontestado, a consequência estritamente determinada de uma tentativa de suturar o sujeito da ciência, (...) o sujeito em questão continua a ser correlato da ciência, mas um correlato antinômico, já que a ciência mostra-se definida pela impossibilidade do esforço de suturá-lo" (p. 875). o sujeito é o efeito colateral da ciência. mas é da ciência, e não de outra coisa qualquer. uma maneira de negar o corte epistemológico que Galileu promove, Koyré descreve e Lacan reconhece, é tratar de problemas éticos como se fossem científicos, sinápticos, neuronais. enfim, passíveis de ciência.

o sujeito é efeito da perda de qualidades do mundo. ele nasce justamente da perda dos fundamentos que a cosmovisão grega (que vigorava, no sentido que nos interessa, até o século XVII) fornecia à conduta. a psicanálise parte da afirmação do corte epistemológico, ou seja, desta ideia segundo a qual o advento da ciência moderna divide dois campos de problemas: o dos problemas éticos e o dos problemas científicos. a psicanálise parte da descoberta dessa indeterminação do humano. o sujeito aparece assim como um nome para uma questão sobre o fundamento. e a psicanálise nasce com Freud na tentativa de clinicar os efeitos desta falta de fundamento do mundo perdido da ciência. apenas a partir da matematização do mundo é que se pode falar da subjetividade como campo de problemas. o sujeito é um efeito da atividade científica. por isso podemos dizer, com Canguilhem, que os verdadeiros responsáveis pelo advento da subjetividade são os mecanicistas. desaparecido o desígnio, agora o humano

precisará encontrar seu lugar. ou como alguns teóricos da psicanálise gostam de dizer, inventar seu sintoma.

por isso Lacan pode afirmar que "é impensável que a psicanálise como prática, que o inconsciente, o de Freud, como descoberta, houvessem tido lugar antes do nascimento da ciência" (p. 871). a passagem do trauma à fantasia, ou o "abandono da minha neurótica" de Freud, refere-se à descoberta de que não se trata mais de situar aquilo que o falante diz na ordem da realidade. mas sim, na ordem da verdade. a questão não é mais científica, factual. é ética, humana, histórica. por isso, o que o falante diz é sempre verdadeiro. o sujeito, em psicanálise, é efeito do discurso. é o que se representa de um significante a outro. mas ele só se representa parcialmente, sendo na não-representação que o real comparece. "dizer que o sujeito sobre quem operamos em psicanálise só pode ser o sujeito da ciência talvez se passe por um paradoxo. é aí, no entanto, que se deve fazer uma demarcação, sem o que tudo se mistura e começa uma desonestidade que em outros lugares é chamada de objetiva: mas que é falta de audácia e falta de haver situado o objeto que malogra" (p. 873). se "o sujeito da ciência é o sujeito da psicanálise", é porque o tratamento dado pela psicanálise à questão do sujeito não é sem a advertência da descontinuidade entre o cosmo fechado e o universo infinito. a psicanálise nasce para este novo humano, fruto de um mundo afetado pela ciência. ela surge como método de tratamento ao cientista sabe-tudo que, num paroxismo descontrolado em seu laboratório, vocifera: eu desvendei tudo! eu conheço todas as fórmulas! mas como isso me ajuda a viver? como agir num mundo sem referenciais para a ação? como existir sem um manual de instruções da existência? o que fazer com a indeterminação angustiante da minha vida?

estas questões não nos interessam por mero preciosismo epistemológico, mas para que situemos o sujeito psicanalítico como este resto da operação científica: uma vez que as relações do mundo podem ser medidas, explicadas, experimentadas, replicadas, e o homem participa dessa dança precisa como seu participante solenemente objetivo, resta uma estranheza que, apesar de todo o saber, ainda convoca uma verdade. que a ciência deva prescindir da subjetividade para levar a cabo seu projeto não há em si nenhum problema. o problema é quando se acredita poder usufruir do método científico para o tratamento de algo que não é absolutamente de ordem científica, e que inclusive lhe é antinômico.

assim, o sujeito da psicanálise é o sujeito da ciência na medida em que um questionamento sobre a melhor conduta, a melhor ação, a melhor vida, se impõe a um homem perdido num plano cartesiano vazio e extenso ao infinito. num certo sentido, o sujeito psicanalítico é este efeito de vivermos num mundo em que a ação não tem fundamentação. se o psicanalista responde a esta demanda por fundamentação a partir de uma posição de mestria, faz reviver o mundo aristotélico do "cada coisa em seu lugar". se, pelo contrário, leva em consideração o corte e a separação entre o campo de problemas científicos e o campo de problemas éticos, descobre o sentido de ser da neutralidade freudiana, e da posição objetificada do desejo do analista em Lacan. enfim, o sujeito da psicanálise é o sujeito da ciência porque o conhecimento científico forcluiu a

dimensão humana, e à psicanálise coube e cabe a cada momento fundar ao humano um espaço em que novos critérios para a ação sejam estabelecidos. mas o que o cientista maluco sabe sem saber é que estes critérios quem os fornecerá é sua própria fala, sua própria relação com a linguagem e com sua impossibilidade de recobrir o real da existência. e para não perder o costume da alegoria, vejo todo neurótico como um Galileu. mas um Galileu que viveu tempo demais, a ponto de se entediar em olhar para o céu, e quer, na sóbria companhia de seu analista, conhecer o inferno.

referências:

Canguilhem, G.: O que é a psicologia?

Cabas, A. G.: O sujeito na psicanálise de Freud a Lacan.

Milner, J. C.: A obra clara.

Koyré, A.: Galileu e Platão.

Lacan, J.: Escritos.